ReGeo ISSN: 2177-3246

A HIPNOSE TECNOLÓGICA DA MÍDIA E SUA INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

TECHNOLOGICAL HYPNOSIS OF MEDIA AND ITS INFLUENCE ON CHILD DEVELOPMENT

LA HIPNOSIS TECNOLÓGICA DE LOS MEDIOS Y SU INFLUENCIA EN EL DESARROLLO INFANTIL

https://doi.org/10.56238/revgeov17n11-105

Data de submissão: 19/10/2026 **Data de publicação:** 19/11/2026

Elaine Resende Magalhães
Especialista em Docência
Instituição: Faculdade de Educação São Francisco (FAESF)
E-mail: elaine.r.maga@gmail.com

Franciane Nascimento Nunes
Acadêmico de enfermagem
Instituição: Universidade Estadual do Maranhão
E-mail: franallana25@gmail.com

Rosianne Lory Baima de Sousa
Especialista em Saúde Mental
Instituição: Associação de Ensino Superior do Piauí (AESPI)
E-mail: rosianne.lbsousa@gmail.com

Joselma Nascimento Silva
Gestão em Serviços em Saúde
Instituição: Universidade Vale do Acaraú
E-mail: josyalba@hotmail.com

Reinaldo dos Reis Lima
Acadêmico de enfermagem
Instituição: Universidade Estadual do Maranhão
E-mail: stamparte.ltda@gmail.com

Hugo Ubiratan Alves da Silva
Superior de Tecnologia em Produção Multimídia
Instituição: Universidade Estadual do Maranhão
E-mail: hugoalvescantor01@gmail.com

Antônia dos Santos Alves Lima
Acadêmico de enfermagem
Instituição: Universidade Estadual do Maranhão
E-mail: 4ntoni490@gmail.com

ReGeo
ISSN: 2177-3246

Izabel Maria Dos Santos Souza
Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa
Instituição: Universidade Estadual do Maranhão
E-mail: Izabelskz@gmail.com

RESUMO
Este trabalho analisa a influência da mídia tecnológica no desenvolvimento infantil, utilizando a metáfora da "hipnose tecnológica" para descrever os mecanismos de absorção e impacto das tecnologias digitais sobre as crianças. O estudo contextualiza a imersão precoce no universo digital e investiga como a exposição contínua a estímulos midiáticos molda aspectos cognitivos, sociais e emocionais. A metodologia baseia-se em revisão bibliográfica e documental, articulando teoria e análise empírica. Os resultados apontam para um padrão de interação que confirma o estado hipnótico gerado pela estimulação sensorial constante, reforçando a necessidade de mediação crítica por parte de pais e educadores. Em suma, o trabalho conclui que a "hipnose midiática" é um fenômeno real e preocupante, exigindo uma mediação ativa para mitigar os riscos e garantir que o uso da tecnologia não prejudique as competências fundamentais dos indivíduos em formação.

Palavras-chave: Mídia Tecnológica. Desenvolvimento Infantil. Tecnologias Digitais. Exposição Infantil.

ABSTRACT
This study analyzes the influence of technological media on child development, using the metaphor of "technological hypnosis" to describe the mechanisms of absorption and impact of digital technologies on children. The research contextualizes early immersion in the digital universe and investigates how continuous exposure to media stimuli shapes cognitive, social, and emotional aspects. The methodology is based on bibliographic and documentary review, articulating theory and empirical analysis. The results point to a pattern of interaction that confirms the hypnotic state generated by constant sensory stimulation, reinforcing the need for critical mediation by parents and educators. In sum, the study concludes that "media hypnosis" is a real and concerning phenomenon, requiring active mediation to mitigate risks and ensure that technology use does not impair the fundamental competencies of developing individuals.

Keywords: Technological Media. Child Development. Digital Technologies. Child Exposure.

RESUMEN
Este trabajo analiza la influencia de los medios tecnológicos en el desarrollo infantil, utilizando la metáfora de la "hipnosis tecnológica" para describir los mecanismos de absorción e impacto de las tecnologías digitales en los niños. El estudio contextualiza la inmersión temprana en el universo digital e investiga cómo la exposición continua a estímulos mediáticos moldea aspectos cognitivos, sociales y emocionales. La metodología se basa en revisión bibliográfica y documental, articulando teoría y análisis empírico. Los resultados señalan un patrón de interacción que confirma el estado hipnótico generado por la estimulación sensorial constante, reforzando la necesidad de mediación crítica por parte de padres y educadores. En resumen, el trabajo concluye que la "hipnosis mediática" es un fenómeno real y preocupante, que exige una mediación activa para mitigar los riesgos y garantizar que el uso de la tecnología no perjudique las competencias fundamentales de los individuos en formación.

Palabras clave: Medios Tecnológicos. Desarrollo Infantil. Tecnologías Digitales. Exposición Infantil.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea tem vivenciado cada vez mais uma era do tsunami devastador da digitalização, na qual a infância é marcada pela presença constante de inúmeras formas de dispositivos tecnológicos. A televisão, os tablets, os smartphones e as plataformas de streaming induzindo-se como elementos centrais na rotina das crianças, influenciando diretamente seus modos de pensar, agir e se relacionar. Essa exposição precoce e contínua suscita vastas reflexões sobre os efeitos da mídia tecnológica no desenvolvimento infantil, especialmente quando se observa o comportamento de absorção quase automática dos conteúdos digitais.

A metáfora da "hipnose tecnológica" surge em si como um modo de vislumbrar e compreender o poder de atração e de condicionamento exercido pelas mídias sobre o público infantil. Assim como na hipnose tradicional, há um estado de atenção concentrada e de redução da criticidade, no qual a criança se torna receptiva ao fascínio estímulos externos modificando a neuroplasticidade, que é a capacidade do cérebro de modificar-se e adaptar-se às condições e estímulos recebidos do meio (GABRIEL *et al*., 2025).

O objetivo deste estudo é compreender como essa hipnose midiática interfere nos processos cognitivos, emocionais e sociais da infância, propondo uma análise crítica sobre os desafios e as possibilidades de mediação educativa.

O termo "baba digital" retrata o uso das telas como substituto da presença humana no cuidado infantil. Pais e responsáveis, muitas vezes sobrecarregados, recorrem a dispositivos eletrônicos para entreter ou acalmar as crianças. Essa prática, embora funcional a curto prazo, pode gerar efeitos adversos no desenvolvimento pueril.

O período de pandemia de Covid-19, trouxe a tona essa cena exposta e inerente, o que tornou-se uma ocasião mais complexa. O crescente tempo de foco em tela devido às medidas de distanciamento social acirrou os problemas de saúde mental do indivíduo em forma, com uma associação constante entre o aumento continuo no tempo de tela e complicações no desenvolvimento emocional e social durante esse período (ARAÚJO *et al.*, 2025).

A hipnose tecnológica manifesta-se na forma como as crianças permanecem afixadas nas telas, absorvendo estímulos visuais e sonoros de maneira passiva. A repetição de padrões, as cores vibrantes e os sons ritmados criam um ambiente sensorial que captura a atenção e reduz

a capacidade de reflexão. Essa condição de imersão contínua pode comprometer o desenvolvimento da autonomia cognitiva e da criatividade, substituindo a exploração ativa do mundo real por experiências virtuais controladas. Segundo George Alakija. (2023), "a hipnose tecnológica é uma condição de narcose visual que omite a liberdade intelectual em favor da passividade digital".

O desenvolvimento infantil é um processo complexo que envolve dimensões cognitivas, afetivas, sociais e motoras. A interação com o seu entorno social é essencial para a formação de habilidades e competências. Quando essa interação é mediada por tecnologias, ajudam a surgir novas dinâmicas de aprendizagem e socialização. Para Albano e Salomão (2022), "o desenvolvimento humano depende da mediação social, o que aumenta o risco de ambientes onde a interação face a face é substituída por dispositivos digitais.".

Pesquisas apontam que o uso moderado e orientado das mídias pode favorecer o aprendizado, estimulando a curiosidade e o raciocínio lógico. No entanto, o uso excessivo e desregulado tende a gerar dependência, déficit de atenção e dificuldades de socialização. A criança, ao ser exposta a conteúdos digitais sem mediação, internaliza padrões de comportamento e valores que nem sempre correspondem à realidade social e cultural em que vive (ALMEIDA *et al.,* 2020).

2 OBJETIVOS

Este estudo tem como objetivo investigar a fascinação que a tecnologia e a multimídia têm proporcionado na infância e no seu desenvolvimento social; Como o que acontece no meio familiar e escolar com o uso contínuo das telas e os prejuízos que a tela pode proporcionar ao desenvolvimento intelectual na infância;

Qual conteúdo que a multimídia tem disponibilizado para fixação do foco infantil e o impacto na realidade e quais os benéficos do uso da tela na infância onde apontar as limitações e desafios no uso da mídia e das tecnologias.

3 JUSTIFICATIVA

A identidade infantil começa a ser construída significativamente a partir das interações sociais e das experiências vividas. No contexto digital, as mídias assumem papel de posição central nesse processo, oferecendo modelos de comportamento, padrões estéticos e narrativas que moldam a percepção de si e do outro. Então de forma silenciosa e sistemática, o disciplinamento nos molda a partir dos discursos vigentes atuando na homogeneização da nossa maneira de pensar, ver e dizer o mundo, assim como atua de forma punitiva ao nos afastar para

as margens caso não sigamos os padrões determinados. A mídia vem enquanto instituição propagadora desta naturalização de verdades fabricadas, sabemos que da era da industrialização à era da informatização, muitas foram as transformações operadas e continuamente naturalizadas no nosso cotidiano. Fez-se natural e desejável que estas novidades fizessem parte de nossas vidas. (FIGUEIREDO *et al.* 2019. P121.)

A exposição a influenciadores, personagens e conteúdos publicitários cria um imaginário coletivo que influencia diretamente a formação da autoimagem e da autoestima. A criança passa a se identificar com figuras midiáticas e a reproduzir comportamentos observados, muitas vezes sem compreender criticamente seus significados. Essa internalização simbólica reforça a ideia de uma hipnose cultural, na qual o sujeito imaturo é conduzido por estímulos externos que orientam suas escolhas e desejos. Cruz *et al*. (2021) apontam que *"*o imaginário criado pelas mídias sociais atua como um mediador crítico na definição da autoestima e da autoimagem durante o desenvolvimento".

A mídia tecnológica atua como um dos principais agentes de socialização contemporâneos, com uma base importante, utilizada em prol da família e da escola, como plataformas digitais, redes sociais e jogos online criam espaços de convivência e interação que transcendem o ambiente físico. (FARIA *et al.,* 2022, p. 1725).

Entretanto, essa socialização mediada por telas apresenta características distintas: a comunicação é fragmentada, a empatia é reduzida e o contato humano é substituído por interações virtuais. A criança aprende a se relacionar por meio de avatares e emojis, o que pode comprometer o desenvolvimento da linguagem emocional e da capacidade de lidar com frustrações.

A estimulação constante proporcionada pelas mídias digitais afeta como foco de direta condução nos processos cognitivos. O cérebro infantil, em fase de formação, é altamente sensível aos estímulos visuais e auditivos. A exposição prolongada a conteúdos rápidos e fragmentados pode alterar a capacidade de concentração e de processamento de informações.

Estudos em neurociência indicam que o uso excessivo de telas está associado à redução da atenção sustentada e à dificuldade de lidar com tarefas que exigem esforço mental prolongado. A hipnose tecnológica, nesse sentido, atua como um mecanismo de condicionamento, treinando o cérebro para respostas imediatas e recompensas instantâneas. De

acordo com Figueiredo *et al*., (2019), "a hipnose exercida pelas mídias infantis interfere na cognição ao substituir a exploração ativa do meio por um estado de passividade receptiva."

A relação emocional das crianças com a mídia é marcada por vínculos afetivos com personagens e narrativas essa identificação pode gerar conforto e prazer, mas também dependência emocional. Quando a criança utiliza a tecnologia como forma de regulação emocional, substituindo o contato humano por estímulos digitais, há uma série de risco que comprometem sua capacidade de comportamental, entre elas isolamento e ansiedade. (GABRIEL *et al*. 2025).

Além disso, a exposição a conteúdos violentos ou inadequados pode gerar dessensibilização e comportamentos agressivos. A ausência de filtros e de acompanhamento adulto potencializa esses efeitos, reforçando a necessidade de uma mediação consciente.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 O PAPEL DA FAMÍLIA E DA ESCOLA

A família e a escola desempenham papel fundamental na mediação da relação entre criança e tecnologia. Cabe aos adultos estabelecer limites, selecionar conteúdos e promover o uso crítico das mídias. A educação digital deve ser incorporada ao processo pedagógico, estimulando a reflexão sobre o consumo de informação e o impacto das tecnologias na vida cotidiana.

A escola, como espaço de formação integral, pode utilizar as mídias como ferramentas pedagógicas, desde que orientadas por objetivos educativos claros. A integração equilibrada entre tecnologia e aprendizado favorece o desenvolvimento de competências digitais e o pensamento crítico. (LERNER *et al*, 2025, p. 89).

4.2 ESTRATÉGIAS DE MEDIAÇÃO E INTERVENÇÃO

Entre as estratégias de mediação destacam-se estabelecimento de rotinas com tempo limitado de uso de telas; Seleção de conteúdos educativos e adequados à faixa etária; Participação ativa dos pais nas atividades digitais das crianças; Promoção de atividades lúdicas e interações presenciais. Na Educação existe o consumo consciente de mídia. Para a mediação ativa é a estratégia e fundamental para converter o impacto das mídias em uma oportunidade de intervenção educativa e promoção de saúde, onde essas práticas contribuem para reduzir os efeitos da hipnose tecnológica e fortalecer a autonomia infantil diante das mídias. (MARQUES *et al*. 2017),

4.3 A INFÂNCIA NA ERA DA HIPERCONEXÃO: O CONTEXTO DIGITAL

A infância contemporânea vivencia uma transformação estrutural sem precedentes, marcada não apenas pela introdução de novos artefatos tecnológicos, mas por uma profunda mudança no paradigma do ambiente de desenvolvimento. Historicamente, o desenvolvimento infantil ocorria em espaços físicos definidos - a casa, a escola, a rua e o parquinho — onde as interações eram majoritariamente mediadas pelo contato sensorial direto e pela mediação humana presente. Na atualidade, essa geografia da infância foi transposta para um ecossistema híbrido, no qual a dimensão física e a digital se fundem, criando o que se pode definir como um “habitat digital” (CARR, 2017).

Nesse contexto, a criança, frequentemente rotulada como “nativa digital”, não utiliza a tecnologia apenas como uma ferramenta acessória para fins educacionais ou lúdicos específicos. Pelo contrário, o meio digital tornou-se o principal ambiente de socialização e lazer. O dispositivo eletrônico atua como uma interface onipresente que molda a percepção de realidade, o ritmo das interações sociais e as formas de entretenimento. Diferente das gerações anteriores, que acessavam a tecnologia de forma

rigorosa em momentos pontuais, a criança de hoje habita o digital de forma incessante, fazendo com que o fluxo de informações mediadas por telas seja o "tecido sociodigital" no qual sua identidade é construída.

Essa imersão precoce e constante possui implicações diretas sobre a forma de arquitetura cerebral, fundamentadas pelo conceito de neuroplasticidade. O cérebro infantil, caracterizado por uma plasticidade sináptica excessiva, desenvolve-se em estreita correlação com os estímulos que recebe do ambiente. Se o meio ambiente apresenta um padrão de alta estimulação, cortes rápidos de imagem, recompensas imediatas e saturação sensorial, o sistema neurológico da criança tende a se adaptar a esse ritmo frenético. O desenvolvimento de funções cognitivas como a atenção sustentada, a memória de trabalho e a paciência reflexiva sofre a influência direta dessa qualidade de estímulo, podendo resultar em padrões de processamento de informação que privilegiam a rapidez em detrimento da profundidade analítica. (CARR, 2017).

Diante desse cenário, emerge um hiato crítico: a criança transita entre o mundo real e o digital com uma fluidez que as instituições tradicionais, como a família e a escola, ainda não conseguiram acompanhar com diretrizes claras e estruturadas. Enquanto a tecnologia evolui

exponencialmente, as estratégias de mediação social crescem de forma linear ou, em muitos casos, estagnam-se. Observa-se, portanto, uma lacuna de mediação, na qual a tecnologia é muitas vezes delegada ao papel de "babá" ou de ocupação passiva, sem que haja a necessária supervisão que ensine a criança a exercer uma autonomia crítica. Essa ausência de divisas adequadas configura o terreno fértil para a chamada "hipnose tecnológica", onde o excesso de estímulos sequestra a atenção infantil, tornando a interação com o meio digital um processo automático e de baixa consciência crítica, cujas consequências para o desenvolvimento integral do indivíduo ainda estão sob investigação Em constantes estudos.

4.4 A RESPONSABILIDADE SOCIAL DAS INDÚSTRIAS MIDIÁTICAS

As empresas de tecnologia e comunicação possuem responsabilidade ética na produção e difusão de conteúdos voltados ao público infantil. A busca por engajamento e lucro não pode se sobrepor ao bem-estar das crianças. Políticas de regulação e fiscalização são essenciais para garantir que os conteúdos respeitem princípios educativos e de proteção à infância. As empresas de tecnologia e comunicação possuem responsabilidade ética na produção e difusão de conteúdos voltados ao público infantil, onde a busca por engajamento e lucro não pode se sobrepor ao bem-estar das crianças." (POLICARO, 2020).

O desenvolvimento é influenciado por fatores intrínsecos e extrínsecos, sendo o ambiente um facilitador ou dificultador desse processo. Nesse contexto, a interação com o meio e com o outro é fundamental para que a criança possa adquirir novas habilidades e competências necessárias para sua autonomia (TANCREDI *et al.*, 2022, p. 1805).

4.5 ALTERAÇÕES NA ESTRUTURA CEREBRAL E NAS FUNÇÕES EXECUTIVAS.

A relação entre o uso intensivo de telas e a maturação neurológica é mediada, em grande parte, pelo desenvolvimento das funções executivas no córtex pré-frontal. Esta região, responsável por processos como o controle de impulsos, o planejamento, a atenção sustentada e a regulação emocional, requer estímulos que valorizem a reflexão em detrimento da reação imediata. Pesquisas clínicas indicam que o excesso de tempo de tela pode afetar a integridade da matéria branca cerebral. O conjunto de fibras nervosas que permite a comunicação veloz entre diferentes áreas do cérebro. Quando o ambiente digital exige apenas uma resposta motora rápida o "clique" ou o "swipe" em vez de um processamento cognitivo profundo, a rede neural que sustenta a atenção focada não é devidamente exercitada.

Dessa configuração advém o crescente Déficit de Atenção observado na clínica contemporânea. Crianças submetidas a uma estimulação sensorial frenética apresentam dificuldades acentuadas em atividades que não oferecem feedback imediato, como a leitura, o estudo analítico ou a escuta prolongada. O cérebro, condicionado a ambientes digitais que entregam recompensas rápidas, torna-se menos tolerante ao tempo de espera necessário para o aprendizado cognitivo complexo. A par desse déficit, observa-se a imaturidade do controle inibitório: a incapacidade de adiar a gratificação, visto que o ecossistema digital foi desenhado para atender ao desejo do usuário ao toque da tela, eliminando a noção de esforço e a resistência necessária para o desenvolvimento da autonomia volitiva.

4.6 A EROSÃO DO DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO E SOCIAL

Além dos aspectos estritamente neurobiológicos, o impacto da "hipnose tecnológica" estende-se ao desenvolvimento da linguagem e das competências sociais. A comunicação humana é um fenômeno multimodal que depende da interação face a face, da captação de microexpressões faciais, da leitura do tom de voz e da sincronia de movimentos. A interação clínica tem evidenciado uma correlação direta entre o tempo de exposição excessivo a telas e o atraso no desenvolvimento da fala.

A tela atua, frequentemente, como um emissor unidirecional. Diferente da conversação real, que exige a troca afetiva, a espera pela vez do outro e a interpretação de sinais sutis, a interface digital é uma mediação "achatada" da realidade. Nesse processo, a capacidade de empatia e a construção de

laços sociais são prejudicadas pela navegação solitária em dispositivos. Ao substituir a complexidade das relações humanas imprevisíveis e ricas em nuances pela previsibilidade dos algoritmos, a criança perde a oportunidade de exercitar a teoria da mente, ou seja, a habilidade de compreender o estado emocional e a intenção do outro. O aprendizado da linguagem, que exige engajamento social ativo, torna-se empobrecido, privando a criança de elementos essenciais para a sua formação como sujeito social.

4.7 DESREGULAÇÃO EMOCIONAL E VÍCIO COMPORTAMENTAL

O fenômeno da "hipnose tecnológica" manifesta-se de forma mais aguda quando avaliamos a regulação emocional da criança. Do ponto de vista clínico, o comportamento de crianças submetidas a longos períodos diante de telas espelha, muitas vezes, quadros de desregulação emocional profunda. A retirada do dispositivo, em muitos casos, não é

acompanhada por um retorno suave ao mundo físico, mas por crises de abstinência funcional caracterizadas por irritabilidade, agressividade e ansiedade.

Tais manifestações são decorrentes da interrupção abrupta do fluxo de dopamina, o neurotransmissor que, durante o uso das telas, foi ativado incessantemente pelo design persuasivo da interface. A tecnologia, para muitas crianças, assume o papel de um "anestésico" emocional imediato. Ao recorrerem às telas para evitar o tédio ou para silenciar a frustração, essas crianças não desenvolvem as estratégias internas de autorregulação necessárias para lidar com as emoções negativas inerentes à vida cotidiana. Como resultado, gera-se uma dependência comportamental onde o dispositivo se torna o único recurso disponível para a gestão do humor, fragilizando a resiliência emocional e a capacidade do indivíduo de enfrentar o desconforto sem o auxílio de estímulos externos.

Em síntese, a tecnologia, quando utilizada sem critérios e em doses que superam a capacidade de processamento do cérebro infantil, não é apenas um meio de entretenimento, mas um fator de risco que reconfigura as bases do desenvolvimento. A "hipnose tecnológica", longe de ser apenas uma metáfora, descreve um processo biológico e comportamental que exige um olhar atento de pais, educadores e clínicos para mitigar danos e assegurar o pleno desenvolvimento das competências fundamentais da infância.

4.8 O IMPACTO DO CONSUMO MIDIÁTICO NA PRIMEIRA INFÂNCIA: ENTRE A INFORMAÇÃO E A PASSIVIDADE

Na contemporaneidade, a onipresença dos aparelhos digitais no cotidiano das famílias reconfigurou as dinâmicas de desenvolvimento infantil. Embora a tecnologia seja frequentemente

vendida como uma ferramenta de acesso ilimitado à informação, a literatura aponta para um efeito colateral preocupante: a exposição não regrada e excessiva a conteúdos digitais. Esse fenômeno, que pode ser interpretado como uma forma de "hipnose tecnológica", conduz a criança a um estado de passividade, onde o estímulo constante das telas substitui a exploração ativa do ambiente e a interação humana, resultando em prejuízos notáveis na qualidade do sono, nos hábitos alimentares, na interação social e, consequentemente, no aproveitamento escolar.

O período que compreende os primeiros cinco anos de vida é considerado crítico para o neurodesenvolvimento, momento em que a criança estabelece as bases para suas relações de vinculação e habilidades comportamentais. Estudos da Academia Americana de Pediatria (AAP) e diretrizes recentes da Organização Mundial da Saúde (OMS) convergem ao alertar que, antes dos 24 meses, o uso de telas não é recomendado. Nesta fase, a imaturidade simbólica da criança impossibilita a distinção entre a fantasia apresentada pelo dispositivo e a realidade, tornando o conteúdo midiático uma influência desestruturante. Para crianças entre dois e cinco anos, as entidades científicas recomendam limites rígidos de tempo de exposição, condicionados à supervisão direta de um adulto e à adequação do conteúdo.

Contudo, a prática cotidiana tem se mostrado distanciada dessas recomendações científicas. Pesquisas recentes indicam que o uso de aparelhos digitais, como televisores e smartphones, é frequente em momentos sensíveis, tais como durante as refeições, no período que antecede o sono e até mesmo como estratégia de distração para conter birras ou facilitar as tarefas parentais. O dado de que uma parcela significativa de crianças utiliza telas de forma autónoma ou em ambientes como o quarto de dormir sugere uma permissividade que pode ser lida como um processo de "hipnotização" do indivíduo em formação, que passa a depender do estímulo tecnológico para o seu entretenimento e autorregulação emocional.

Essa configuração familiar, em que o aparelho digital assume o papel de mediador entre a criança e o mundo, coloca um desafio aos profissionais de saúde e educação. A percepção de muitos pais de que o uso das telas é "adequado" ou inofensivo subestima os riscos ao desenvolvimento cognitivo e emocional, tornando imperativa a necessidade de intervenções nas consultas de vigilância de saúde infantil, visando a conscientização sobre os efeitos deletérios da exposição precoce e excessiva à tecnologia.

As tecnologias digitais que se encontra presente em todo âmbito do território por onde já se diga de passagem humana, vem causando infiltração no ambiente familiar contemporâneo reconfigurou fundamentalmente a estrutura do desenvolvimento infantil. Mais do que um simples meio de acesso à informação, as interfaces digitais atuais são desenhadas com mecanismos de "persuasão

de atenção", que criam um ecossistema favorável ao que se denomina "hipnose tecnológica". Este conceito refere-se a um estado de torpor atencional e hiperfoco, no qual a criança, ao interagir com dispositivos, é submetida a um fluxo contínuo e ininterrupto de estímulos visuais e sonoros de alta intensidade. Diferente da atenção voluntária que é direcionada pela criança em busca de significado, o estado hipnótico caracteriza-se por uma atenção capturada, onde o cérebro opera em um modo de recepção passiva e reativa.

Essa "hipnose", portanto, não é apenas um estado passageiro de distração, mas um condicionamento comportamental. Ao priorizar a gratificação imediata de estímulos digitais

sobre o brincar livre que é mais lento, por vezes frustrante e exige mediação física com o mundo real, a mídia estabelece novos padrões de engajamento para a infância. A substituição da interação tridimensional pelo engajamento bidimensional da tela pode, gradativamente, reduzir a tolerância da criança a atividades que demandam esforço sustentado, alterando, em longo prazo, a forma como os processos cognitivos básicos, como a atenção sustentada e a capacidade de planejamento, são estruturados.

5 METODOLOGIA

Revisão Bibliográfica é o levantamento e a análise do que já foi escrito por outros autores sobre um determinado tema, serve para evitar que você não gaste tempo pesquisando algo que já foi totalmente resolvido. Dar embasamento, mostra que suas ideias têm suporte em teorias e estudos científicos reais. Identificando lacunas, ajuda a perceber o que os outros autores ainda não explicaram ou onde eles divergem.

Este estudo trata de uma Revisão no formato Narrativo que é Mais aberta e subjetiva, ideal para fundamentar a introdução de um trabalho. E Integrativa da literatura combinando estudos experimentais e teóricos para uma compreensão completa de um fenômeno conforme as recomendações do Joanna Briggs Institute e as diretrizes PRISMA 2020, com busca realizada nas bases PubMed, Google Acadêmico, SciELO, Repositórios de Universidades, Periódicos da CAPES, LILACS , incluindo artigos publicados entre 2017 e 2025. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 13 estudos compuseram a amostra final.

A questão norteadora foi elaborada a partir da estratégia PICo, considerando a natureza qualitativa e educativa do tema, resultando na seguinte pergunta: Quais são as evidências científicas sobre a hipnose tecnológica da mídia e sua influência no desenvolvimento infantil? A abordagem metodológica seguiu a estratégia PICo (População, Interesse e Contexto), conforme descrito no Quadro 1.

Quadro 1. Aplicação da estratégia PICo.

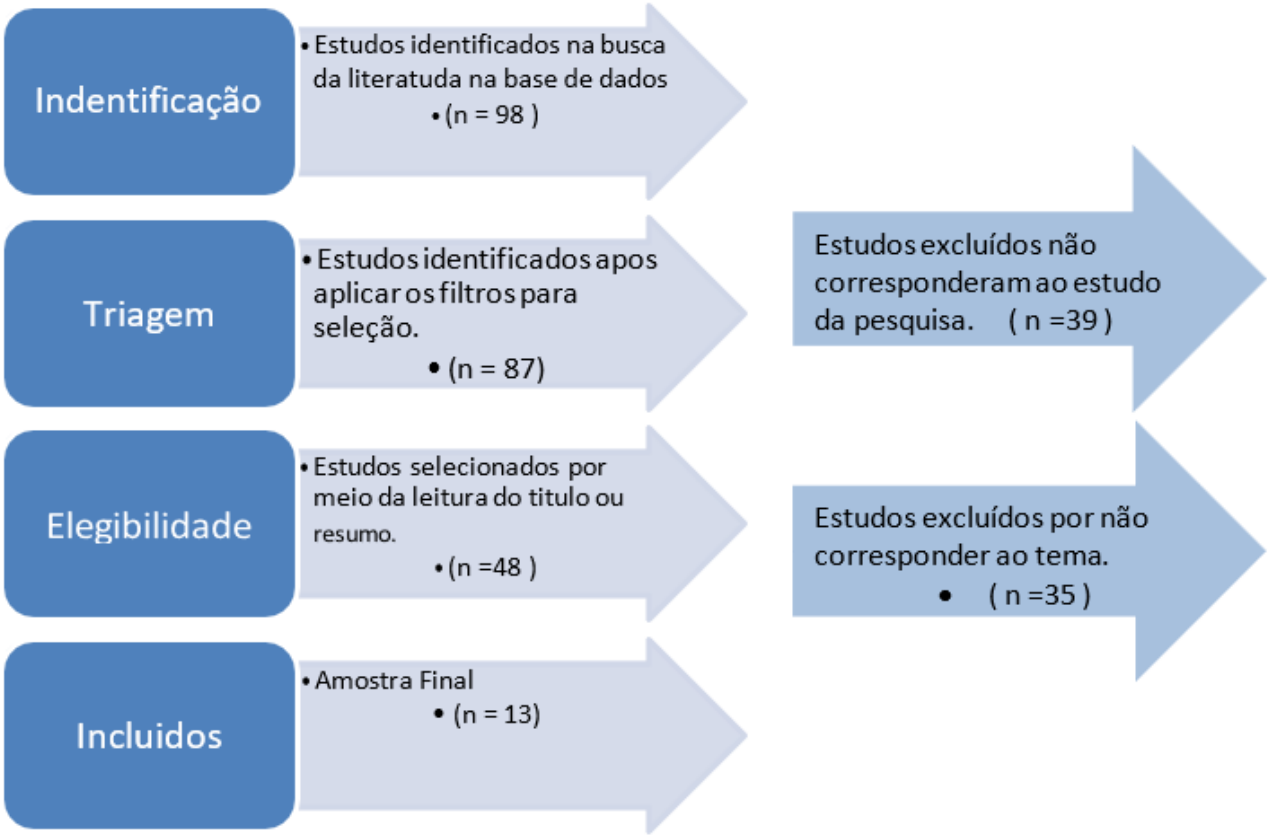
ACRÔNIMO	DEFINIÇÃO	APLICAÇÃO NO ESTUDO
P	População	População infantil;
I	Interesse	Desenvolvimento infantil;
Co	Contexto	Tecnologia e mídia;

Fonte: Elaborado pelos autores, 2026

6 RESULTADOS E DISCURSÕES

A Figura 1 apresenta o fluxograma de seleção dos estudos, elaborado a partir do modelo PRISMA-P, descrevendo de forma sistemática as etapas de identificação, triagem, avaliação de elegibilidade e inclusão dos artigos que compuseram a amostra final da revisão. O fluxograma evidencia de maneira clara os descritores utilizados, as bases de dados consultadas (PubMed, LILACS, SciELO, ETC.) e a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos, assegurando transparência metodológica e confiabilidade ao processo de seleção dos estudos. A utilização do modelo PRISMA-P segue recomendações internacionais para a condução e apresentação de revisões de literatura, contribuindo para a reprodutibilidade da pesquisa e para a compreensão do percurso metodológico pelo leitor (Page *et al.*, 2022).

Figura 1. Fluxograma dos artigos incluídos na revisão



Fonte: Elaborada pelos autores

O quadro 2 apresenta os 13 artigos e tem o intuito de sistematizar e aprofundar a análise dos achados que compõem a amostra final desta revisão integrativa, organizando ordem

cronológica crescente e identificados por códigos alfanuméricos (A1 a A13). O quadro reúne informações essenciais, tais como autoria, ano de publicação, título do estudo e principais desfechos relacionados as evidências científicas sobre a hipnose tecnológica da mídia e sua influência no desenvolvimento infantil, possibilitando uma visão panorâmica e comparativa da produção científica analisada. A elaboração e a organização do quadro seguiram as diretrizes metodológicas do Joanna Briggs Institute (JBI, 2020), assegurando padronização, rigor científico e coerência na apresentação dos resultados. Essa sistematização favorece a análise crítica da literatura, permitindo identificar estratégias educativas, abordagens metodológicas e evidências relacionadas à efetividade, fortalecendo a integração entre conhecimento científico e práticas na vivência em tecnologia e multimídia.

Quadro 2. Descrição dos estudos selecionados na revisão sistemática. 2026.

Nº	Autor/ Ano	Título	Desfecho
A1	ARAÚJO *et al.* 2025.	O Impacto do Uso Precoce de Telas Digitais no Neurodesenvolvimento Infantil: Evidências Atuais e Recomendações para uma Abordagem Equilibrada	Esta revisão sistemática analisa os impactos da exposição precoce e excessiva às telas digitais no neurodesenvolvimento infantil, associando o tempo prolongado a riscos como distúrbios do sono, obesidade, TDAH e atrasos cognitivos, motores e sociais. Com base em estudos recentes de bases científicas consolidadas, o artigo conclui que, embora o excesso traga prejuízos, o uso equilibrado da tecnologia pode ser benéfico, desde que haja mediação ativa dos cuidadores e integração com o brincar e as interações reais para garantir um desenvolvimento saudável.
A2	ALBANO *et al. 2022.*	Concepções de desenvolvimento infantil. Psicologia da Educação	Este estudo analisou as concepções de três educadoras de creches públicas em João Pessoa-PB sobre o desenvolvimento de crianças de 24 a 35 meses, fundamentando-se na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky. Por meio de entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo temática, os resultados revelaram que as participantes enxergam a educação infantil como uma base essencial para etapas futuras e o desenvolvimento como um processo contínuo, onde a aprendizagem vai além do brincar e do cuidar. Além disso, as educadoras destacaram como aspectos significativos nessa faixa etária a cognição, a linguagem, a interação social, a motricidade e a autonomia.
A3	ALMEIDA *et al.* 2020.	.De espectadora a criadora: imaginação, faz de conta e mídia televisiva no desenvolvimento infantil	À luz da perspectiva histórico-cultural, este estudo analisou os sentidos produzidos por 26 crianças de uma escola pública do Distrito Federal sobre a mídia televisiva em contextos de faz de conta. A partir de observações, oficinas lúdicas e análise microgenética baseada em videogravações, a pesquisa identificou como as crianças expressam esses sentidos em suas atividades criadoras, demonstrando que, longe de serem espectadoras passivas, elas atuam como protagonistas de seu próprio desenvolvimento.
A4	CRUZ *et al.* 2021.	Obesidade infantil: a mídia social ainda influencia?	Este estudo bibliográfico analisou o crescimento global e nacional da obesidade infantil, motivado principalmente por questões financeiras ou pela falta de conhecimento dos pais sobre alimentação saudável. Com base em pesquisas em bases de dados como SciELO,

			PubMed e diretrizes da ANVISA e da PNAN, o objetivo do trabalho foi compreender a vivência da obesidade para propor intervenções eficazes que previnam doenças futuras. Os resultados comprovam que a educação alimentar dos pais reflete diretamente na saúde dos filhos, esperando-se que a implementação dessas intervenções reduza os índices alarmantes de crianças acima do peso e com patologias associadas no Brasil.
A5	FARIA *et al 2022.*	Desenvolvimento Infantil.	O artigo aborda a importância das atividades funcionais na educação infantil ao unir a prática pedagógica à fundamentação teórica. Utilizando uma pesquisa bibliográfica baseada na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky, o texto explica o desenvolvimento infantil, estabelece metas para esse processo e destaca o papel essencial do professor nesse fluxo, concluindo com a resposta à questão inicial proposta.
A6	FIGUEIREDO *et al.* 2019	O Ambiente discursivo em uma mídia infantil	Com base nos Estudos Culturais e em Foucault, este trabalho analisa as representações de "ambiente" no filme Zootopia, investigando como as mídias infantis atuam como uma "Pedagogia Cultural". A análise das práticas discursivas revela que o ambiente funciona como um currículo que molda modelos de infância. Através de enunciados plásticos, o filme entrelaça natureza a marcores de gênero, raça e sexualidade, produzindo uma infância alinhada ao discurso dominante do capital.
A7	GEORGE ALAKIJA. (2023).	HIPNOSE	Este estudo aborda a evolução histórica, conceitual e metodológica da Hipnologia para afastar preconceitos sobre o tema. Ele demonstra como a hipnose deixou de ser associada à magia e ao ocultismo para se consolidar como uma técnica médico-psicológica legítima, amplamente utilizada na Psicologia, Medicina e Odontologia.
A8	GABRIEL *et al.* 2025.	Desenvolvimento infantil	Esta cartilha, elaborada pela equipe do Laboratório de Desenvolvimento-Aprendizagem e Processos Psicossociais (LDAPP), baseia-se em conhecimentos científicos atuais de diversas áreas para oferecer diretrizes e informações gerais sobre o desenvolvimento infantil. O objetivo do material é responder a dúvidas sobre como proporcionar um desenvolvimento pleno às crianças e como

			transformar a infância em um período de aprendizado intenso
A9	LERNER *et al.* 2025.	Desenvolvimento infantil e parentalidade	O desenvolvimento do cérebro infantil começa na gestação e tem na primeira infância um período crucial, onde bases cognitivas, físicas e emocionais são moldadas tanto pela saúde da mãe quanto por fatores sociais e culturais. Para garantir um crescimento saudável e mitigar riscos como a pobreza e a violência — que geram estresse tóxico —, é indispensável um cuidado integral e compartilhado entre os diferentes formatos de famílias, os sistemas de saúde, a educação e a sociedade. Esse processo é potencializado por vínculos afetivos seguros e pela parentalidade positiva, baseada no afeto e na sensibilidade dos cuidadores, o que reforça a importância de investimentos em políticas públicas embasadas cientificamente e no apoio à saúde mental materna para democratizar oportunidades e prevenir dificuldades futuras.
A10	MARQUES *et al.* 2017.	Representações sociais elaborada pela mídia sobre diabetes infantil.	Este estudo documental analisou as representações sociais do diabetes infantil na mídia a partir de 19 matérias publicadas nos jornais Diário do Nordeste e O Povo e nas revistas Veja e IstoÉ. Com o auxílio do software IRAMUTEQ, o conteúdo foi processado e dividido em seis classes temáticas distintas através da Classificação Hierárquica Descendente (CHD). Ao final, concluiu-se que os veículos utilizam diferentes abordagens para retratar o mesmo fenômeno social, o que impacta diretamente a maneira como a sociedade interpreta, enfrenta e ressignifica essa condição no cotidiano.
A11	TANCREDI *et al*. 2022.	O desenvolvimento infantil.	Este artigo analisa o desenvolvimento da linguagem na infância como um processo contínuo e multifacetado, diretamente ligado aos aspectos cognitivos, físicos, motores e emocionais da criança. O objetivo é compreender como diferentes fatores — incluindo a família, a escola, o meio ambiente e a convivência social — estimulam a aquisição linguística em cada etapa do crescimento. Ao descrever as principais fases dos primeiros anos de vida, o texto destaca que, por volta dos 5 anos, as crianças já alcançam um marco importante, dominando os sistemas sonoros e gramaticais e acumulando um vocabulário

			de milhares de palavras.
A12	NESI J. 2022.	O primeiro celular de uma criança: um guia para os pais.	Este estudo avaliou os fatores associados ao uso de risco de smartphones — definido por tempo de tela igual ou superior a 6 horas diárias e/ou alta pontuação em escala de dependência — em 297 estudantes universitários, concluindo que a idade mais jovem e menores níveis de atenção plena (mindfulness) são os principais preditores independentes para esse comportamento problemático. Embora variáveis como sexo, idade de aquisição do aparelho e área de estudo não tenham mostrado diferenças significativas, o grupo com maior dependência apresentou maior taxa de moradia em dormitórios e preferência por aplicativos de fotos e vídeos, destacando a necessidade de futuros estudos holísticos que integrem aspectos psicológicos, contextuais e de duração do uso.
A13	CARR, Nicholas 2017.	A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros	Em A geração superficial, Nicholas Carr analisa como as ferramentas tecnológicas intelectuais — com destaque para a internet e os dispositivos portáteis — expandem nossas capacidades mentais, mas
			também exercem um forte controle sobre o corpo e a mente. A obra alerta para o fato de que a exposição massiva a essa tecnologia bidirecional está reconfigurando o cérebro humano e alterando a forma como pensamos e retemos conhecimento. Estruturado sob a tensão entre os benefícios tecnológicos e a alienação do viver off-line, o livro fundamenta-se em bases científicas como a neuroplasticidade e a psicologia para demonstrar como a transição da leitura profunda para a superficial está dissolvendo a mente linear, respondendo de forma crítica aos impactos reais da internet sobre o nosso cérebro.

Fonte: Elaborado pelo auto, 2026.

A metáfora da hipnose tecnológica evidencia a intensidade com que os meios de comunicação de massa influenciam o processo de desenvolvimento infantil na década Atual. A exposição contínua e, muitas vezes, não supervisionada a estímulos digitais exerce papel determinante na formação de comportamentos, na regulação das emoções e na construção dos esquemas cognitivos da criança. Tal cenário institui um novo paradigma de infância, no qual as experiências mediadas pelas telas passam a ocupar lugar central na socialização e na aprendizagem. Diante disso, a crucial compreensão desse fenômeno requer uma abordagem interdisciplinar, abrangendo e articulando conhecimentos das áreas de Psicologia, Pedagogia, Comunicação Social e Sociologia. Somente a partir do diálogo entre esses campos é possível analisar as múltiplas dimensões da relação entre criança e tecnologia. Nesse contexto, a mediação consciente realizada por pais e educadores, aliada ao uso equilibrado e intencional dos recursos tecnológicos, constitui um caminho indispensável para ressignificar a hipnose midiática, transformando-a em instrumento potencializador do aprendizado e do desenvolvimento integral.

A introdução do celular no cotidiano infantil não deve ser encarada meramente como uma aquisição tecnológica, mas como um processo educativo que demanda mediação ativa e contínua. Os dados revelam uma tendência que antecipa essa posse que, se não acompanhada de diretrizes claras sobre segurança, os limites de uso e fundamentalmente da presença afetiva dos pais, pode agravar os riscos que o algoritmo expõe através da ‘babá digital’. Portanto, mais do que delegar a vigilância a ferramentas de controle parental ou softwares de monitoramento,

cabe aos responsáveis o papel insubstituível de estabelecer o diálogo e, sobretudo, de servir como exemplo de uso consciente. A promoção de um desenvolvimento saudável na era hiper conectada exige, portanto, um equilíbrio onde a tecnologia atue como ferramenta de suporte, e não como um substituto para a interação humana e o fortalecimento dos vínculos familiares (NESI J. 2022.).

Por fim, conclui-se que a hipnose tecnológica não se configura meramente como um efeito colateral inerente à modernidade, mas representa um desafio de ordem ética e educativa. Enfrentá-lo demanda reflexão crítica contínua e ação conjunta entre família, escola e sociedade, visando à construção de práticas que garantam a proteção, a autonomia e o bem-estar das crianças frente ao universo digital.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, NATÁLIA PASSOS TORRES *et al.* O impacto do uso precoce de telas digitais no neurodesenvolvimento infantil: evidências atuais e recomendações para uma abordagem equilibrada. Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences,[s.l.],v.7,n.4,p.179-190,2025. Disponível em: https://doi.org/10.36557/2674-8169.2025v7n4p179-190. Acesso em: 31 maio 2026.

ALBANO, R. M.; SALOMÃO, N. M. R. Concepções de desenvolvimento infantil. Psicologia da Educação, São Paulo, n. 53, p. 25-34, nov. 2022.

ALMEIDA, B. P. de; KRÜGER-FERNANDES, L.; BORGES, F. T. De espectadora a

criadora: imaginação, faz de conta e mídia televisiva no desenvolvimento infantil.

Psicologia & Sociedade, v. 32, 2020.

CARR, Nicholas. A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros. Rio de Janeiro: Agir, ISSN 2237-4558 • Navus • Florianópolis • SC

• v.7 • n.2 • p. 124-129• abr./jun. 2017.

CRUZ, G. V. S. F. *et al.* Obesidade infantil: a mídia social ainda influencia? Editora Conhecimento Livre, 2021.

FARIA, A. da S. L. *et al.* Desenvolvimento infantil. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 8, n. 10, p. 1721-1755, nov. 2022.

FIGUEIREDO, R. C. de; OLIVEIRA, C. B. de; COSTA, M. de O. O Ambiente discursivo em uma mídia infantil. Atena Editora, 2019. p. 121-133.

GEORGE ALAKIJA. (2023). HIPNOSE. Sitientibus, (09). Disponivel em: https://doi.org/10.13102/sitientibus.vi09.10218 . Acesso em: 04/06/2026.

GABRIEL, A. M. da S. *et al.* Desenvolvimento infantil. Editora da Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande: EDUFCG 2025.

JOANNA BRIGGS INSTITUTE. Joanna Briggs Institute Reviewer's Manual.Adelaide: JBI, 2020.

LERNER, R.; ARANTES, I. L. de; DIAS, C. M. Desenvolvimento infantil e parentalidade. Editora Blucher, 2025. p. 84-99.

MARQUES, A. D. B. *et al.* Representações sociais elaborada pela mídia sobre diabetes infantil. Enfermería Global, v. 17, n. 1, p. 550, dez. 2017.

NESI J. O primeiro celular de uma criança: um guia para os pais. Brown Health. 20 de outubro de 2022. Disponivel em: https://www.brownhealth.org/be-well/childs-first-cell-phone-guide-parents/, Acessado em 03/06/2026.

PAGE, M. J. *et al.* The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews.BMJ, London,v.372,n.71,p.1–9,2021.DOI: https://doi.org/10.1136/bmj.n71

TANCREDI, C. C. da R. *et al.* O desenvolvimento infantil. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 8, n. 1, p. 1801-1813, fev. 2022.